

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Jovens evangélicos moradores de favelas: algumas expressões de suas sociabilidades urbanas

Naiana de Freitas Bertoli - UENF/CCH/PPGSP

RESUMO:

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa de base qualitativa sobre o modo de vida urbano de jovens evangélicos moradores de favelas da cidade de Campos dos Goytacazes- RJ. A partir do levantamento de dados, foi possível situar algumas dimensões constitutivas do modo de vida desses jovens. Como moradores de favelas da cidade, esses jovens sofrem discriminação por morar em áreas associadas à miséria, violência e criminalidade. Quando necessitam frequentar espaços públicos – tais como o espaço cultural popular de lazer, hospitais e cemitério –, evitam identificar o seu lugar de moradia como medida de precaução a possíveis represálias de agentes ligados à criminalidade violenta do tráfico de drogas que controlam algumas favelas; demarcando, assim, os espaços da cidade a partir da proximidade com essas localidades. Observadas certas reservas morais em vivências na cidade, outras redes proximais, como as da escola, são igualmente valorizadas por possibilitarem a frequência às casas de shows, bares ou ambientes relacionados às paqueras e namoros com jovens não evangélicos.

Palavras chave: Juventude; Religião; Favela.

Breve introdução

O trabalho procura contemplar os resultados de uma pesquisa sobre o modo de vida urbano de jovens evangélicos moradores de favelas da cidade de Campos Goytacazes- RJ. A pesquisa tem como base empírica entrevistas semiestruturadas com jovens de 15 a 25 anos, bem como relatos cotidianos elaborados pelos jovens, com uso de netbook, financiado pelo PRONEX¹, além de conversas informais com a equipe da pesquisa em torno dos relatos e grupos focais.

¹ Pesquisa Pronex *Juventude, desigualdades e o futuro do Rio de Janeiro*, coordenado por Adalberto Cardoso (IESP-UERJ). O projeto pretende oferecer um diagnóstico abrangente da situação dos jovens no Estado do Rio de Janeiro, utilizando pesquisas quantitativas e qualitativas nas regiões Norte, Sul e Metropolitana do Estado, envolvendo pesquisadores de 5 instituições de ensino e pesquisa e 15 pesquisadores. Visa analisar as condições estruturais de reprodução dos jovens, seus projetos de vida, sua sociabilidade e padrões culturais, a violência e a entrada na vida adulta.

O fenômeno da presença das igrejas e grupos evangélicos nas favelas da cidade de Campos dos Goytacazes², – RJ compreende uma análise que deve considerar a diversidade de igrejas e os tipos sociais da população que compõem estas denominações religiosas. O termo evangélico adotado no contexto da pesquisa refere-se analiticamente às doutrinas cristãs protestantes; e como uma categoria nativa presente entre cinco jovens moradores de favelas de Campos dos Goytacazes. Desta forma uma das dimensões de análise da pesquisa é voltada para a compreensão da participação religiosa de jovens evangélicos, implicando ainda no entendimento da problematização da juventude e religião “como um dos aspectos que compõem o mosaico da grande diversidade da juventude brasileira” (NOVAES, 2008:263). No caso dos jovens pesquisados nos orientamos por um sentido de juventude a partir de seus pontos de vistas. A bibliografia e a abordagem sobre o conceito/categoria juventude apresentado no contexto da pesquisa constitui muito mais um recurso à compreensão da problemática teórica do que a sua adequação empírica. Nesse processo houve a valorização dos sentidos de ser jovem e evangélico mediante aos enfrentamentos de diversos problemas sociais. Contudo, visamos compreender como o jovem morador de favela da cidade de Campos dos Goytacazes, em algum momento da vida, vivencia uma experiência religiosa evangélica que pode levar à sua adesão e conversão denominacional.

Notas metodológicas

A construção empírica desse trabalho foi fundamentalmente realizada através das análises dos diários elaborado pelos jovens, das entrevistas semiestruturada realizadas com esses, da realização de um grupo focal, das visitas as favelas e as igrejas juntamente com os jovens. A metodologia de investigação é fundada em uma abordagem qualitativa que busca entender as práticas e vivências desses jovens evangélicos moradores de favelas.

² Campos dos Goytacazes é a principal cidade da região Norte Fluminense e é o maior do estado do Rio de Janeiro em extensão. Sua população segundo o censo do IBGE, em 2010, duplicou em quase 50 anos, hoje Campos dos Goytacazes tem aproximadamente 500.000 habitantes, e possuía de acordo com a Fundação João Pinheiro (FJP), em 2000 um déficit habitacional de 1.822 domicílios, com famílias de renda de até dois salários mínimos. Segundo o Censo do ano de 2000 Campos tinha identificadas 32 favelas na cidade de Campos dos Goytacazes (PESSANHA, 2001), com um total de 16.876 moradores, no Censo de 2010 o número de favelas diminuiu para 27, com 15.777. Mesquita (2013) indica que esta diminuição pode ser associada à implantação de programas de saúde pública e políticas habitacionais em alguns bairros pela atual governo municipal (2009-2012 e 2013-2016).

O contato inicial com os jovens foi estabelecido a partir de situações de pesquisas anteriores com seus familiares ou membros de igrejas que frequentam. No primeiro encontro com estes, fase inicial da pesquisa, foi acertado que eles escreveriam ao menos duas vezes por semana de acordo com o um roteiro previamente estabelecido: o que ele fez de mais importante/interessante no dia; e sobre outros dias da semana, destacando alguns temas como: família; vizinhos; amigos; casamento/namoro/pegação; lazer; trabalho; escola. Durante os seis primeiros meses mantivemos contatos com eles apenas por *e-mail* e telefone, dando início posteriormente às entrevistas semiestruturadas em realizadas em lugares definidos com os jovens.

É importante destacar que cada jovem fez uso do diário de forma diferente, e através de suas narrativas foi possível entender um pouco da vida de cada um. O que eles escrevem e contam em entrevistas são histórias pautadas na vida de cada um, nas suas experiências de vida, nas imagens que determinada maneira lhes fazem sentido. A proposta de elaboração dos diários foi apresentada como expressão de suas vivências por meio da escrita eletrônica e envio pela internet. Os escritos dos diários muitas vezes deixavam de tocar em alguns assuntos considerados pela pesquisa, talvez por receio de serem escritos, ou por realmente fazerem uso desse diário de maneira pessoal, como um canal de desabafo sobre suas angústias e aflições. Por isso, as entrevistas semiestruturadas ocorridas cerca de seis meses após a entrega e a leitura dos diários constituíram peças fundamentais para a compreensão e interpretação das vivências cotidianas dos jovens.

Na fase final da pesquisa foram realizados encontros com os jovens por meio da técnica de grupos focais. A opção por essa técnica foi baseada no entendimento de que essa dinâmica com os jovens produziria evidências relevantes à tipificação das tendências dos quadros cognitivos, morais, estéticos, etc., que orientam as ações dos participantes, sendo possível identificar determinada referência de comunicação entre jovens evangélicos moradores de favelas de Campos dos Goytacazes.

A técnica de entrevista semiestruturada foi utilizada nesta pesquisa principalmente pela necessidade de aprofundar algumas questões, entendê-las e até mesmo ver se encontrava pontos divergentes. Ambas as técnicas de pesquisa formam fundamentais, as narrativas escritas detinham algumas especificações que a fala não expressava e vice versa.

Juventude evangélica e algumas expressões de suas sociabilidades na cidade de Campos dos Goytacazes

Como afirma Andrade (2005), uma das melhores formas de compreender os jovens é a partir dos seus espaços sociais. Neste contexto, os eventos religiosos e os cultos são alguns dos espaços sociais frequentados pelos jovens, onde estes criam novos laços de sociabilidade, desta forma interferindo na construção de identidade e na “visão de mundo”.

Algumas práticas que do ponto de vista de determinadas igrejas e lideranças religiosas poderiam ser consideradas “mundanas” são entendidas como não problemática a adesão e a determinados vínculo religioso, deixam de ser percebidas por alguns jovens dado o seu entendimento sobre a condição “jovem evangélico”. Fred, por exemplo, relata que continuou a jogar futebol, a assistir aos jogos de seu time em bares com os amigos, sem fazer uso de bebida alcóolica da mesma forma que antes da “conversão”, mas passou a “saber” como estar/ frequentar estes ambientes, onde muitas pessoas bebem e têm atitudes incoerentes com sua “nova vida”, sem ser influenciado, assim como em outras práticas “mundanas”. Ele relatou que antes da “conversão” tinha medo de se envolver com essas “práticas”. No entanto, outros jovens sofreram mudanças mais radicais como Thayla que nunca mais frequentou um baile *funk* ou uma boate, modificou sua maneira de se vestir e, segundo ela, principalmente sua maneira de “pensar”.

Segundo os jovens, eles escolheram estar na igreja, desta forma, as práticas religiosas passam a ser vistas como formas de lazer e entretenimento. Para Abramo (1994) o lazer é representa um dos pontos mais importantes na vida dos jovens. No caso das atividades dos jovens pesquisados, atividades religiosas são destacadas por eles como momento de lazer, conjugadas ao “tempo livre”, momento que para alguns estão ligados as práticas consideradas por alguns segmentos evangélicos como “mundanas”, como ir à praia, assistir televisão e jogar bola.

Para alguns jovens a participação em acampamentos, encontros religiosos, e ensaios musicais vão além da “curtição” implicam em compromissos a partir dos vínculos com a igreja. A ocorrência dessas atividades muitas vezes acontece nas proximidades dos lugares de suas moradias dos jovens e os relatos apontam que é justamente em torno das práticas de lazer e relações de amizade que se apresenta uma participação mais ativa desses jovens na igreja (ANDRADE, 2005, NOVAES, 2012, FARIAS, 2013).

No início da pesquisa, os amigos de Alejandro eram principalmente os do grupo de jovens da igreja, e eram com eles que tinha seus momentos de lazer, como viagens com a igreja, retiros e passeios em Campos dos Goytacazes nos fins de semana, shopping, cinema, praia. No relato abaixo Alejandro-descreve sobre um dia muito especial para ele:

Foi um dos melhores dias da minha vida se não foi o melhor foi o dia que eu viajei pra angra dos reis com a minha igreja pra um congresso estadual de jovens UMADERJ que significa união de mocidades das assembleias de Deus no Rio de janeiro foi muito bom alem de participar do congresso conheci as belíssimas praias de La que paraíso são aquelas praias água azulzinha sem nenhuma poluição pena que ficamos tão pouco tempo voltamos no domingo a tarde por são 7 horas de viagem de La ate aqui e coma parada no Oasis ainda aumenta um pouquinho o tempo e que alias oh roubo La no Oasis é um assalto sem arma kkkkkkk mais vale a pena afinal pra ir pra angras dos reis de novo eu faria de tudo! (Alejandro, diário).

Em seus diários, Fred descreve, dentre as atividades religiosas, a que ele mais “gosta”, que são as participações nas células³. Para ele as células são momentos de socialização com um grupo de amigos, que se reúnem nas casas dos fiéis, por mais que seja um momento de orações, leitura da bíblia, a célula acaba sendo um encontro mais informal do que o culto, que no final eles ficam conversando, saem para lanchar. Desta forma, ao mesmo tempo em que se estende o compromisso com a igreja/fé para além deste espaço, também acaba se efetivando como uma prática de lazer.

Na igreja que eu vou, existem celulas, e são feitas nas casas das pessoas que participam, mas visitantes podem ir tambem sem compromisso. Eu ate gosto de ir nas celulas porque acho mais manero que ficar no banco da igreja ouvindo o pastor direto.. nas celulas agente aprende mais coisas e de uma maneira mais facil de entender. Eu fui na celula, uma foi na casa de B. e outra foi na casa de L.; na casa de B. foi manero, separou em grupos de 4 pessoas, e cada grupo ficou com uma folha e depois de um tempo uma pessoas de cada grupo tinha que explicar o que estava no papel (Fred, diário).

³ Célula é um grupo de pessoas que se reúne semanalmente nas casas dos fiéis para orar.

Para Mellysse, participar do grupo das Mensageiras do Rei sempre foi vista como uma prática de lazer, principalmente na infância, além de um compromisso com a igreja. Como o grupo é dividido por faixa etária, ela acaba se restringindo as amigas desse segmento e interagindo sobre questões de interesses próximos. Ser uma “Mensageira do Rei” envolve a participação em acampamentos religiosos, congressos, com música e dança.

Para ser uma mensageira é preciso seguir 5 ideais: 1º Viverei em Cristo pela oração, 2º Crescerei em sabedoria pelo estudo da bíblia, 3º Reconhecerei a minha mordomia, 4º Enfeitar-me-ei com boas obras, 5º Aceitarei a responsabilidade da grande comissão (Mellysse, diário).

Entretanto, para participar do grupo das Mensageiras do rei, são exigidas a ela frequência, participações nos cultos e nos encontros e rompimento com determinadas práticas “mundanas”. Além das orientações que recebem dos líderes religiosos, como frequência e desempenho escolar, ser uma “boa” filha e etc. A participação religiosa dos jovens implica que estes assumam o compromisso dentro das igrejas, passando a ter uma maior relação de socialização com os outros jovens também pertencentes aos grupos religiosos.

Os relatos apontam que à medida que os laços de amizade com os jovens das igrejas ficam forte, passa-se a compromissos mais estreitos com a instrução. Através desse convívio intenso, as mudanças vão acontecendo aos poucos, na forma de falar, de entender os acontecimentos a sua volta, se estendendo para as relações sociais do dia a dia, como a escola, o trabalho e principalmente o lazer. Novos sentidos e significados vão se construindo e transformando a “visão de mundo” destes jovens. Principalmente dentro dos grupos, os jovens passam por um novo processo de socialização a partir da “conversão” religiosa, as mudanças vivenciadas se assemelham, eles passam a compartilhar da mesma “visão de mundo”.

Os jovens entrevistados vivenciam um tempo marcado pelas emoções, como o medo, a ansiedade, a surpresa, o namoro, a felicidade. Muitos desses sentimentos são compartilhados entre os pares, os chamados amigos (SALVA, 2008). Nas narrativas dos jovens, a amizade aparece de diversas maneiras: na preocupação com o amigo que está se desviando da igreja, na tristeza em saber que um amigo se envolveu com o tráfico, na

felicidade de fazer parte de um grupo de amigos, poderem confiar neles, da importância dos laços de amizade quando está chateada em casa ou aflição por ter brigado com o amigo:

Minha avó não me entende, ai preciso das minhas amigas (Alejandro, diário).

É tão bom quando se tem amigas que podemos confiar, lá na igreja eu tenho várias, a A, a G que é uma fofa, a E meiga e muito amiga (Mellysse, entrevista).

Os meus amigos são minha família (Alejandro, diário).

Alguns jovens relataram o apoio dos amigos em alguns momentos considerados difíceis das suas vidas assim como as decepções vivenciadas, por exemplo, quando descobre que um amigo de infância está envolvido com tráfico de drogas e parou de estudar. Como as falas a seguir:

Quando minha mãe ficou doente, minhas amigas vinham todos os dias lá em casa, ai quando ela morreu dormiram aqui comigo, e também orávamos juntas (Mellysse, entrevista).

Na época da gravidez, minha amiga L foi que me ajudou a contar pra minha mãe pro meu padrasto (Thayla, entrevista).

Nesse sentido, os jovens mencionam ainda como o vínculo com os amigos da igreja é fundamental na superação das dificuldades e no enfrentamento dos problemas e dos sofrimentos. Neste sentido, configura-se uma rede de solidariedade e apoio que acaba por intervir na maneira de resistir às dificuldades (BURITY, 1989). Como relatado por eles:

Quando eu fiquei grávida da T. contei só para minhas amigas, minha mãe não sabia que eu não era mais virgem, lá em casa não podia falar sobre namoro e tal, minha mãe é muito careta, mas ela já mudou já (Thayla, entrevista).

Para os jovens as novas práticas sociais e principalmente os testemunhos sobre as mudanças em suas vidas, pode demonstrar perante os antigos amigos sua “nova vida”, como um exemplo a ser seguido. Neste sentido, o testemunho principalmente dos jovens funciona como uma “tática” perante a igreja e também aos amigos não evangélicos, como forma de relatar as mudanças positivas que aconteceram em suas vidas a partir da “conversão”. Entretanto, o processo de “afastamento” para os jovens se dá de forma mais delicada, em

relação aos espaços escolares, onde estes estão em contato com outros jovens e nem sempre evangélicos. Mesmo que um jovem mantenha-se afastado dos jovens não evangélicos, não se pode anular a proximidade e nem tão pouco as relações sociais.

É muito difícil se afastar dos amigos de infância, mesmo que eles estejam no caminho errado, alguns eu até consegui, mas mesmo sabendo que estão errados, alguns são parceiro mesmo que nem irmão e até respeitam a minha fé, fazem umas piadas quando jogamos bola mas é difícil (Fred, diário).

Os jovens passam grande parte do seu dia na escola. Os espaços do pátio, dos corredores, da sala de aula possibilitam a materialização de suas convivências rotineira (DAYRELL, 1999). Algumas atividades como: trabalhos em grupos, danças, teatros, festas comemorativas e temáticas como festa junina, possibilitam que esses jovens notem a escola como um lugar de diversão e não somente de obrigações (VILAS, 2009).

A escola é vista como um espaço de “intensificação e abertura de novos amigos, portanto, caminho privilegiado para a ampliação da experiência de vida dos jovens.” (SPOSITO, 2005:90), “como uma instância fundamental a rede de sociabilidades dos jovens” (VILAS, 2009:36). Sendo a sociabilidade uma das formas de os indivíduos estabelecerem relações através da amizade (SIMMEL, 2006).

A sociabilidade é vista como uma forma autônoma e lúdica de sociação, não visando um objetivo ou a busca de resultados concretos, cujo fim é na própria relação, a satisfação de estar junto (SIMMEL, 1993:169).

Além de um espaço de sociabilidade a escola também é considerada como um caminho que possibilitará uma melhor inserção no mercado de trabalho, “ser alguém na vida” e melhorar suas condições financeiras:

Penso que se eu estudar minha vida vai ser mil maravilhas entendeu? Meu emprego, minha casa, trabalhar na área de informática na Petrobrás ou obstetra (Mellysse, entrevista).

Poxa já fiz o técnico 8E, mas não fiz o estágio para conseguir o CREA, e agora estou no pré-vest, quero tentar engenharia civil aqui na UENF, e no IFF também (Fred, entrevista).

Entretanto, a pesquisa identificou que as escolas que os jovens frequentam ou frequentaram estão localizadas dentro das favelas ou em seu entorno. Segundo os jovens, antes de uma escolha por estudar nesses colégios, há o receio de estudar em outros colégios localizados em outros bairros, principalmente por causa da rivalidade entre as duas facções existentes na cidade de Campos dos Goytacazes, estas também estão presentes dentro dos colégios. Frequentar um colégio localizado próximo a outras favelas implicaria riscos e incertezas.

Desta forma, os jovens relatam sobre as restrições de circulação na cidade pela territorialidade do tráfego na cidade e a imprevisibilidade dos acontecimentos. Neste sentido, posso ressaltar principalmente que a cidade é vista pelos jovens como um espaço de sociabilidade, no entanto, eles não possuem uma livre circulação por conta das facções, por isso, eles acabam se restringindo aos espaços próximos de moradia, que são marcados pela precariedade e carências de espaços de lazer. Esta realidade é observada nos seus relatos juntamente com minhas impressões pela cidade ao observar as marcações das facções espalhadas pelos bairros.

Assim, o fortalecimento dos laços com os grupos de amigos da igreja, e suas práticas de lazer acabam se reduzindo as práticas religiosas. Através dos amigos da igreja eles ampliam as possibilidades de mobilidade territorial, junto aos amigos, frequentam os shoppings da cidade, vão às praias. Cabe ressaltar que, segundo eles, a cidade de Campos dos Goytacazes oferece poucas opções de lazer, principalmente em seus bairros. Eles afirmam que há uma precariedade de quadras esportivas, praças e etc. e quando há quadras equipadas estas ficam fechadas, como afirma Thayla, a falta da quadra construída na proximidade da favela Tira-Gosto que foi fechada pela prefeitura porque estavam usando o espaço para realizar bailes *funk*.

O medo por morar em favela é uma constante na vida destes jovens. Além das narrativas sobre suas vidas, dramas familiares, as preocupações com os filhos, com o futuro, trabalho e estudo, eles também revelam suas preocupações em relação a suas moradias, entendida como um “lugar perigoso”. Em seus relatos ressaltam os receios por morarem em favelas de Campos dos Goytacazes, como o medo de circular pela favela e pela cidade. Afirmam que seus locais de moradia (as favelas) são marcados por incertezas cotidianas.

Quando eu volto da escola as vezes, quando eu não passo por dentro da uenf, eu passo numa rua que é do lado da uenf mesmo, por essa rua eu passo pela portelinha, mas eu passo não com muito medo mas também nada tranquilo ainda mais quando tem algum carro ou moto parado no caminho. Pra passar por essa rua eu tenho tipo um macete, eu ligo uma música no meu celular, músicas do Racionais porque eles escutam músicas desse tipo, aí eu fazendo isso eu me sinto com menos medo de tipo alguém me parar, porque eu moro perto mas não são todas as pessoas que me conhecem, nem eu mesmo conheço todos que moram ali, tem pessoas que eu nunca vi (Fred, diário).

Os jovens escrevem sobre as peculiaridades, dos seus lugares de moradia, Eles expõem o receio de frequentarem lugares por eles considerados não familiares e “inseguros”, por nesses identificarem lógicas e códigos de controle de bandos de traficantes presentes em favelas que buscam imprimir as suas marcas em áreas contíguas da cidade. Dizem ter medo de serem identificados por moradores de outras favelas como “inimigos”, por morarem em uma localidade controlada por um grupo de traficante considerado rival e que disputa o controle de territórios na cidade.

Olha, tem lugares na cidade que eu não posso ir, tenho medo de verdade porque eu sei que muitas pessoas da minha favela apanharam porque foi na festa fantasia na Pecuária (Fred, entrevista).

Os jovens mencionam lugares da cidade que evitam frequentar, eles destacam as situações singulares que há em Campos dos Goytacazes advindas das duas facções inimigas que dividem a cidade em lado A e lado B. Esta particularidade da cidade é descrita por todos os jovens, principalmente por Fred, ele expõe a questão da presença de fronteiras simbólicas na cidade, e não somente entre as favelas. O impedimento de frequentar algum lugar da cidade de Campos dos Goytacazes, além de ser entendido e evitado pelos jovens, também é fortemente influenciado pela família.

Segundo eles, não há liberdade em andar pela favela, entre os becos, principalmente à noite e também pela cidade. Há sempre o medo de ser confundido com um traficante pela polícia e de policial disfarçado por algum traficante, principalmente quando meninos. Faz parte do cotidiano criarem estratégias para andar “livremente” pela favela. Mas confessam que ficam receosos. Fred destaca que o medo se intensificou com a vinda do conjunto

habitacional Matadouro para dentro da favela o tráfico de drogas se tornou mais forte. Segundo ele, o tráfico de drogas sempre esteve presente nesta localidade, mas, com a construção do conjunto habitacional Matadouro, se tornou mais visível e passou a haver conflitos entre policiais e bandidos, o que não havia anteriormente quando o tráfico se restringia a favela,

Lá só havia mesmo um local que vendia a droga, sem muita movimentação (Fred, entrevistas).

Hoje minha mãe me falou que logo depois que eu cheguei em casa rolou uns tiros na portelinha e acertaram um cara, e que graças a Deus eu tinha chegado antes disso acontecer (Fred, diário).

Durante a pesquisa, ao passar por vários lugares da cidade, identifiquei pichações das siglas ADA e TCP em muros e fachadas de instituições, tal como aquelas presentes nas favelas. Assim como nas praias Farol de São Tomé, em Campos dos Goytacazes e Grussaí e Atafona, no município vizinho de São João da Barra. Para os jovens essas marcações indicam fronteiras e são conhecidas por alguns moradores e não moradores das favelas. Esse fato é relatado pelos jovens:

Uma vez eu e minhas amigas levamos uma carreira do pessoal da outra favela, só porque éramos de favelas diferentes, a gente só queria zua atrás do trio (Mulher, 25 anos).

Esta divisão é marcada pelo canal Campos-Macaé (beira-valão), próximo do centro da cidade e do mercado municipal, que corta a cidade de Campos dos Goytacazes. Separando dois lugares de constantes relações sociais. O centro da cidade é considerado o (lado A), e a fundação Rural de Campos (lado B), local onde acontece grande parte das festas da cidade (MESQUITA, 2009). Segundo os jovens entrevistados algumas instituições importantes como o Hospital Ferreira Machado e o Cemitério do Caju, pela proximidade da favela Baleeira são evitadas pelos moradores de outras localidades como da favela Tira Gosto e Matadouro, ou favelas consideradas ligadas a facção TCP. O centro da cidade é evitado pelos moradores da Baleeira, por exemplo, e as favelas ligadas à facção ADA. Tal como as situações identificadas por Mesquita (2009), os jovens entrevistados afirmam que essas instituições demarcam espaços que são permitidos e espaços que não são permitidos. Os

moradores da favela Tira Gosto não frequentam (ou evitam) o Hospital Ferreira Machado e o Cemitério do Caju e quando fazem usam estratégias como omitir o local de moradia. O mesmo acontece com os moradores da Baleeira ao circularem pelo centro da cidade.

Na Portelinha está perigoso, tem tráfico, tem baile todo domingo e ficam falando TCP o tempo todo e cantam músicas falando da favela Tira-Gosto, que vão invadir a Baleeira, eu tenho medo de ir do outro lado da cidade, perto do cemitério (Thayla, entrevista).

Os jovens têm igual preocupação com seus familiares e amigos moradores de outras favelas e localidades próximas a essas.

Minha tia não mora em favela, e também tenho amigos que não moram, mas eles não vão a Pecuária, porque moram no bairro próximo da favela Matadouro (Fred, entrevista).

Em um cotidiano fortemente marcado pela insegurança, esses jovens estabelecem estratégias de enfrentamento das situações de vulnerabilidade, especialmente quando frequentam instituições e serviços públicos localizados em áreas consideradas inseguras na cidade. Nessas situações, os jovens muitas vezes se valem da companhia de amigos evangélicos e outro moradores considerados “pessoas próximas”, compartilhando as vicissitudes cotidianas para além do espaço da igreja e encontram nessas redes de apoio “material e espiritual que traçam um determinado modo de vida de alguns evangélicos presentes nas favelas de Campos dos Goytacazes.

Conclusão

Alguns autores da antropologia e sociologia da religião no Brasil tem focado a temática do crescimento das igrejas evangélicas, especialmente as pentecostais, nas últimas décadas no Brasil e sua relação com a espacialidade urbana (ALMEIDA, 2009; MAFRA E ALMEIDA, 2009; MESQUITA, 2008, 2009; CUNHA, 2014). Nesse sentido a cidade pode ser considerada como estratégica para pensar como as práticas religiosas a constrói e são construídas, um território multidimensional de vivências humanas, que desenha paisagens relacionadas com os desejos, os sonhos e possibilidades materiais, esse espaço pode ser modificado em busca destes objetivos.

A pergunta inicial – como esses jovens favelados narram as suas vivências cotidianas a partir das suas experiências religiosas – norteou cada passo da pesquisa, e por meio dos relatos dos jovens sobre essas experiências religiosas, identificamos que a participação religiosa interfere em suas práticas e vivências cotidianas, ser evangélico é muito mais que uma categoria, é uma “nova forma de vida” onde a religiosidade funciona como uma distinção moral frente aos jovens não evangélicos. Os vínculos religiosos implicam em mudanças nos seus modos de vida estabelecendo a separação entre o que é permitido, evitado e não permitido. A partir da “conversão” eles se tornam evangélicos, desta forma estes jovens “estão” na favela de forma diferenciada frente às singularidades deste local em relação aos moradores não evangélicos. Assim, além de atenuar o estigma de ser jovem evangélico morador de favela, afastando-o simbolicamente do campo da marginalidade e do crime, ser evangélico permite através dos vínculos religiosos que estes estabeleçam novas redes de sociabilidades, que permitem o enfrentamento dos problemas de “ser jovem morador de favela” como: violência, medo, ausência de espaço de lazer e etc. Ser evangélico dentro da favela não é apenas estar em uma denominação religiosa e sim partilhar um estilo de sociabilidade que se difere dos demais.

As igrejas acabam se tornando um espaço expressivo para os jovens, a partir do momento em que interfere nas suas práticas. Como analisado, os espaços religiosos aparecem como uma opção de lazer para eles. É uma forma de conciliar o “sagrado” com o lazer, como se as necessidades destes fossem suprimidas ou atenuadas. No caso específico dos jovens pesquisados, por serem moradores de favelas, as igrejas evangélicas aparecem deste modo, como o lugar capaz de dar sentido e conforto, “resolvendo” os problemas e as dificuldades pessoais, e também como mais um espaço de sociabilidade. A questão da filiação para eles não é mais importante do que a religiosidade. Assim como alguns estudos mostram, também notamos através das visitas aos cultos juntamente dos jovens, que os vínculos institucionais estão perdendo espaço para a religiosidade individual.

A partir dos vínculos com os grupos religiosos os jovens passam a circular mais pela cidade, em eventos religiosos, acampamentos, praia, cinema e etc. Entretanto algumas barreiras simbólicas continuam a existir. O vínculo religioso não é capaz de contornar todos os “perigos” a que estão expostos na circulação pela cidade. Os jovens relataram, nos diários e nas entrevistas, os limites de circulação no espaço público, e também no acesso as das instituições públicas, como o hospital. Os limites são vistos como uma fronteira simbólica que existe através de uma imposição das facções existentes nas favelas de Campos dos

Goytacazes, a ADA e o TCP. O medo desses jovens consiste nos recorrentes casos de moradores que sofrem retaliações e são vítimas, ao ultrapassarem as fronteiras demarcadas pelos traficantes. De acordo com os jovens esse sentimento de insegurança também atinge os seus familiares, que cotidianamente estabelecem orientações sobre onde “ir e como andar na cidade”.

Por meio das narrativas dos jovens, foram percebidos as especificidades de cada jovem, reforçando o entendimento da juventude como uma categoria não homogênea (BOURDIEU, 1983). Os dados indicam que a trajetória de vida desses jovens moradores de favelas é marcada por semelhanças e diferenças significativas. Através das afinidades, do modo de vida em comum, das mesmas estratégias para enfrentar o dia a dia frente aos problemas relacionados ao local de moradia, da relativa aproximação. Considerando as condições de vida e o lugar de moradia, eles se assemelham, no entanto suas vivências e seus modos de vida mostram-se categoricamente individuais.

Referências bibliográficas

ABRAMO, H. W. *Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil*. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.5-6, 1997.

ALMEIDA, R. Pluralismo religioso e espaço metropolitano. In: Mafra, C. e Almeida, R. (orgs.), *Religiões e cidades - Rio de Janeiro e São Paulo*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, p. 29-50, 2009.

ANDRADE, A. M. d. S. *Surfistas de Cristo um estudo da sociabilidade juvenil*. São Paulo. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação da USP, 2005.

BOURDIEU, P. A Juventude É Apenas Uma Palavra. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BURITY, J A. *Os Protestantes e a Revolução Brasileira, 1961-1964: A Conferência do Nordeste*. Dissertação de mestrado em Ciência Política. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1989.

CUNHA, C.V. Religião e criminalidade traficantes e evangélicos entre os anos 1980 e 2000 nas favelas cariocas. *Religião e Sociedade*, vol.34, n.1, pp. 61-93, 2014.

DAYRELL, J. Juventude, grupos de estilo e identidade. *Educação em Revista*, n 30, p. 25-39, dez, 1999.

FARIAS, C. L. Música gospel e sociabilidades juvenis: novos modos do religioso entre os evangélicos. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2013.

MAFRA, C. e ALMEIDA, R.. *Religiões de Cidades: Rio de Janeiro e São Paulo*. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2009.

MESQUITA, W. A. B. Os pentecostais e a vida em favela no Rio de Janeiro: *A batalha espiritual na ordem violenta na periferia de Campos dos Goytacazes*. Estudos de Religião, v. 23, n. 37, 89-103, jul./dez. 2009.

_____. *Percepções e estratégias de ação dos pentecostais moradores de favelas de Campos dos Goytacazes*. Edital Universal CNPq /2008.

NOVAES, R. Juventude, religião e espaço público: exemplos "bons para pensar" tempos e sinais. *Religião e Sociedade.*, vol.32, no.1, p.184-208, 2012.

_____. Juventudes, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença? In: H.W. Abramo e P.P.M. Branco (Orgs). *Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

SALVA, S. *Narrativas da Vivência Juvenil Feminina: histórias e poéticas produzidas por jovens de periferia urbana de Porto Alegre*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Educação. Porto Alegre, 2008.

SIMMEL, G. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SPOSITO, M. P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In ABRAMO, H. e BRANCO, Pedro Paulo (orgs). *Retratos da juventude brasileira. Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto da Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 129-148.

VILLA, S. *Formas de sociabilidade entre alunos de uma escola de ensino médio/técnico*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Dissertação de Mestrado, 2009